

Reflexões

Padre Nicolás Schwizer

Nº 65 – 15 de agosto de 2009

O melhor presente de Jesus: sua Mãe

Vamos falar do melhor dos presentes de Cristo à humanidade. Ele, que nada tem, desnudo sobre a cruz, possui ainda algo enorme: uma mãe. E se dispõe a entregá-La a nós.

É São João quem nos transmite este episódio (Jo 19, 25-27). E, com profunda agudeza psicológica, a coloca imediatamente depois da narração da repartição se suas vestes e do sorteio da túnica. Sem dizer-lo, João está nos explicando que essa túnica era obra da mãe de Jesus e que é precisamente esse sorteio o que faz brotar as lembranças na cabeça do moribundo e o que o leva a fixar sua atenção no grupo de amigos que está de guarda ao pé da cruz.

Há esta hora o grupo de curiosos já se havia dispersado. Grande parte dos inimigos se havia ido também. Ficavam unicamente os soldados de guarda e o pequeno grupo dos fiéis.

Os apóstolos haviam fugido. Pedro, mesmo, por medo ou talvez mais provavelmente por vergonha de sua traição, tampouco está aqui. Para incômodo dos homens o grupo está formado por mulheres, a exceção de João, o mais jovem do grupo de pescadores, em quem o amor pode mais que os medos e as dúvidas.

O centro do grupo o constitui Maria, a mãe do moribundo. Estão a seu lado outras mulheres. “Estavam - diz o evangelista – junto à cruz de Jesus sua mãe; as irmãs de sua mãe; Maria, esposa de Cléofas; e Maria Madalena”. Esta última, já sabemos quem era: a mulher de quem, segundo São Lucas, tinham saído sete demônios (8, 2) E seguramente a mesma mulher a quem, segundo o mesmo evangelista, vimos secar os pés de Jesus na casa de Simão o fariseu (7 36-50); provavelmente é também a irmã de Lázaro, o ressuscitado. Sabemos que estavam cerca da cruz.

Talvez Jesus mesmo lhes fez neste momento gestos para que se acercassem porque tinha algo importante que dizer-lhes.

Em realidade, nenhuma lei impedia aos parentes aproximar-se aos condenados; os soldados defendiam as cruzes contra possíveis brigas ou para impedir qualquer forma de tumulto; mas não afastavam os curiosos, nem aos inimigos, nem tampouco as pessoas amigas. Realmente pouco se podia temer daquele grupinho de mulheres e um rapaz. Mesmo os soldados deviam ter compaixão daquele réu a quem na hora da verdade, tão poucos partidários haviam permanecido.

Sabemos também que “estavam” junto à Cruz, e esse “estavam” em latim nos diz claramente que permaneciam em pé, que se mantinham firmes. Que Maria pudera ter algum momento de desmaio está dentro de sua condição humana. Que fora apoiada por João, é normal numa mãe. Mas certamente o que Jesus viu desde a cruz não foi uma mulher desmaiada. Despedaçada pela dor, estava ali inteira, pronta para assumir a tremenda herança que ia encomenda-lhe.

Não lhe nega nada. Certamente é misteriosa a presença de Maria nesse momento. Desde o ponto de vista humano e sentimental era cruel haver-la conduzido ali. Cruel para os dois. A presença da mãe na cruz era uma fonte dupla: fonte de doçura e de dor. Para Cristo teve que ser um consolo sentir-se acompanhado por Ela, ver desde a cruz o primeiro fruto puríssimo de sua obra redentora. Mas também foi fonte de enorme dor ver sua mãe sofrer. Quem ama, quando descobre o eco de seu próprio sofrimento no ser amado, sente despedaçar seu coração. Por outro lado, penso que ver sofrer tanto a sua mãe é a razão porque Jesus não lhe nega nada.

Perguntas para a reflexão

1. A Virgem é uma mãe para mim?
2. Qual é minha oração favorita à Virgem?
3. O que posso fazer para vincular-me mais a Maria?

Se deseja subscrever-se, comentar o texto ou dar seu testemunho, escreva para: pn.reflexiones@gmail.com